

MEDINA, João. *Eça de Queirós Antibrasileiro?* São Paulo: Edusc, 2000.

Maurício Silva
Universidade de São Paulo

Não é de hoje que *Eça de Queirós* é sucesso no Brasil, consumido e assimilado por uma cultura, por assim dizer, mais popular, através de letras de músicas e seriados televisivos; por uma cultura acadêmica, através de estudos especializados e exposições; ou por ambas, através da leitura de seus romances mais famosos, que são reeditados periodicamente, tanto em edições baratas quanto de luxo.

Tais fatos revelam a excepcional recepção que o autor português mereceu e tem merecido no Brasil desde os primeiros instantes de seu aparecimento em Portugal,¹ recepção que talvez só possa ser comparada – no âmbito das mesmas nações – à de Fernando Pessoa, não por acaso dois autores considerados por alguns estudiosos

das relações literárias, à boca pequena, mais cultuados por aqui do que em seu país nativo.

Infelizmente, parte significativa de sua obra – refiro-me às crônicas jornalísticas que escreveu durante toda a vida – não tem despertado o mesmo interesse que seu legado ficcional, como os contos e romances, a despeito do inegável valor literário e, por que não dizer, histórico daquela sua produção.² No âmbito de suas crônicas jornalísticas, merecem destaque suas indefectíveis *As Farpas*, espécies de panfletos escritos a partir de 1871 em colaboração com Raimundo Ortigão.

Nesse contexto, vem bastante a propósito a publicação do livro de João Medina (*Eça de Queirós Antibrasileiro?* São Paulo, Edusc, 2000), estudioso da obra queirosiana que com

conhecido rigor procura desvendar os meandros dessa produção sob a ótica de suas relações com a realidade brasileira finesseccular. Nesse seu novo livro, o autor pretende estudar o anti-brasileirismo de Eça de Queirós, expresso em seus escritos de *As Farpas*, particularmente nos anos de 1871 e 1872, crônicas depois reunidas em *Uma Campanha Alegre* (1890).

As Farpas eram, na verdade, folhetos mensais publicados por Ramalho Ortigão e Eça de Queirós a partir de 1871, uma espécie de “revista crítica mensal” (p. 25) a qual fez na época estrondoso sucesso, tanto pela inovação da linguagem jornalística ali empregada quanto pelas polêmicas que suscitou. As referências recorrentes a brasileiros (sejam os nativos, sejam os portugueses-de-torna-viagem, também designados por esse nome) e, em particular, à figura de D. Pedro II foram responsáveis pela repercussão que elas tiveram no Brasil, ocasionando verdadeiros “motins antiportugueses” (p. 35) sobretudo em Pernambuco. É em Recife, com efeito, que se tem notícia do primeiro eco de

As Farpas no Brasil, num jornal de tendência republicana, o *Seis de Março*, em 1872. Ali já se manifestava a indignação que tomava conta definitivamente dos pernambucanos,³ não apenas no Brasil, mas também em Portugal, como comprovam as reclamações de Camilo, em 1872, daqueles que se voltavam, desrespeitosamente contra o monarca brasileiro. Tais críticas, aliás, não se dirigiam apenas aos folhetos de Eça e Ramalho, mas ainda a outras obras que continham crítica semelhante, velada ou não, como a troça anônima intitulada *Roncapópó XXII Imperador de Manducá* (1872) e o livrinho de Rafael Bordalo Pinheiro, *Apontamentos sobre a Viagem Pitoresca do Imperador de Rasilb pela Europa* (1872).

Particularmente sobre o anti-brasileirismo de Eça e a conseqüente “amotinação antilusa” (p.64), o autor lembra que parte dos ataques aos brasileiros presentes em *As Farpas* deveu-se à “espoliação literária” que editores pernambucanos promoveram com suas contrafações dos folhetos portugueses, sem contudo ser esta a única moti-

vação de suas diatribes. A bem da verdade, eventuais motivações ainda continuam uma incógnita, já que, por um lado, Eça teve uma convivência próxima da “realidade” brasileira (tendo tido uma ama pernambucana, uma pai carioca e um avô exilado no Brasil, além de colegas brasileiros em Coimbra); e, por outro lado, de certa forma modificou sua visão excessivamente pejorativa do brasileiro, seja escrevendo o prefácio de uma obra que reabilita sua figura (*O brasileiro Soares*, de Luís de Magalhães, em 1886); seja elogiando a figura de D. Pedro II, em suas crônicas londrinas, quando da segunda viagem do monarca à Europa, em 1877; seja ainda expurgando passagens mais ofensivas aos brasileiros na edição de *As Farpas*, publicadas sob o título de *Uma Campanha Alegre*, em 1890, sobretudo no que se refere à crônica em que Eça de Queirós comenta a viagem da D. Pedro II a Portugal, aquela que mais alvoroço teria causado aos pernambucanos e que mais teria contribuído para uma visão de Eça como antibrasileiro.

Foram diversas as reações que se fizeram ouvir contra os panfletos queirosianos, ora condenando seus ineptos autores, ora pagando com a mesma moeda as injúrias cometidas, isto é, fazendo troça dos textos portugueses. É o caso, por exemplo, do periódico acadêmico de Recife, *O Meteoro*; do jornal pernambucano *O Movimento*; dos virulentos ataques de José Soares Pinto Correia, com seus fascículos editados em Recife, intitulados *Os Farpões ou os Bandarilheiros de Portugal*; do jornal de Recife-Rio-São Paulo, *América Ilustrada*; dos panfletos anônimos intitulados *Duas Palavras aos Leitores das Farpas* e *As Farpas Brasileiras*, ambos de 1872.

O autor faz ainda uma análise minuciosa de *As Farpas*, destacando, entre outras coisas, a novidade que constituiu o jornalismo praticado por Eça e Ramalho nessa autêntica “revista-panfleto” (p. 118), novidade aliás não apenas em termos de linguagem jornalística, mas também de natureza cultural e ideológica, chocando os hábitos e a rotina mental daquele Portugal

ainda imbuído de uma atmosfera romântico-liberal, no âmbito da cultura, e monárquico-constitucional, no âmbito da política. Preocupando-se, basicamente, em denunciar os males da sociedade portuguesa da época, os farpistas realizaram, na verdade, uma espécie de “história social” (como já tinha percebido Gilberto Freyre), inspirados, em parte, nos panfletos de Henri Rochefort, intitulados *La Lanterne*. Mas é no âmbito do jornalismo que *As Farpas* incidem de forma mais contundente, renovando o modo de fazer jornalismo em Portugal e inaugurando, naquele país, o “jornalismo de idéias” (p. 132).

Finalmente, o autor faz um estudo detalhado de *As Farpas*, que, do ponto de vista temático, podem ser resumida nas seguintes palavras: “o que as *Farpas* pretendem é, sobretudo, criticar os males estruturais de um país e de um sistema, ocupando-se dos homens ou dos atos e instituições que o caracterizam, tão-somente porém na medida em que tais indivíduos, casos ou sucessos representam de fato esse sistema no que ele tem de defeituoso e vicioso” (p.142).

Trabalho minucioso, que revela um pesquisador de fôlego, *Eça de Queirós Antibrasileiro?* pode ser considerado, sem exagero, um marco nos estudos acerca das relações do romancista português com o Brasil. O modo desprezioso em que foi redigido – com uma linguagem simples, preocupada com a clareza e a elucidação de fatos e acontecimentos – encobre, a um só tempo, a profundidade da pesquisa e o êxito do resultado final.

Notas

¹ Ver, sobre a recepção de Eça no Brasil, o excelente estudo de FARO, Arnaldo. *Eça e o Brasil*. São Paulo: Nacional, 1977; e o livro pioneiro de REIS, António Simões dos. *Eça de Queiroz no Brasil*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1945.

² Para uma análise da produção jornalística de Eça de Queirós, consultar MINÉ, Elza. *Páginas Flutuantes. Eça de Queirós e o Jornalismo no Século XIX*. São Paulo: Ateliê, 2000.

³ Sobre esse fato, consultar CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz Agitador no Brasil*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.].